

Anfitrião (Plauto)

1. Mito

História de como Zeus fecunda Alcmena e ela dá à luz Hércules. Exemplo básico da ordem patriarcal e suas leis, que permitem ao macho dominante liberdade sexual, embora Zeus possa sofrer oposição entre os deuses.

2. Precedentes

No livro 19 da *Ilíada* de Homero, Agamêmnon narra como foi enganado pelo Desvário (Ἄτη), de quem o próprio Zeus fora vítima (95-133). No dia do nascimento de Hércules, Zeus jurou entre os deuses que quem nascesse naquela data seria rei de todos quantos viviam à sua volta. Hera, enciumada, retardou o parto de Alcmena, grávida de Zeus e prestes a dar Hércules à luz. Como Alcmena estava grávida também de outra criança, Euristeu, este concebido por Estênelo havia sete meses, Hera apressou-lhe o parto e passou a perna no próprio esposo.

→ Íficles não aparece. Euristeu, e não Hércules, é um bebê nascido de sete meses.

No *Escudo* pseudo-hesíodico (1-54), conta-se que Anfitrião, num acesso de fúria, matara o pai de Alcmena e fugira para Tebas. Mas não consumou o casamento antes de realizar a expedição contra os tálios e os teléboas, a fim de vingar os irmãos de Alcmena que por eles haviam sido mortos. Na ausência de Anfitrião, Zeus decide conceber uma espécie de salvador que afaste os males da humanidade. Na mesma noite que o concebe, Anfitrião regressa vitorioso do campo de batalha e consuma o casamento, depois do que Alcmena dá à luz gêmeos – Hércules de Zeus, Íficles de Anfitrião.

→ Falta referência explícita ao disfarce de Zeus, o presente da taça de ouro, a noite que se estende além do natural.

O presente da taça de ouro (e de um colar) é atestado por Pausânias (5.18.3), autor do 2º séc. d.C., ao descrever a arca de Cípselo (séc. 7º/6º a.C.). A transformação de Zeus é atestada pela primeira vez em Píndaro (*Nemeia* 10.10-17), que também cita uma outra versão, em que Zeus desce até Alcmena na forma de uma chuva de ouro (talvez um tema tomado de empréstimo à história de Dânae), cf. *Ístmica* 7.5-7. Na primeira *Nemeia* (33-50), Píndaro relata em detalhes as cobras enviadas por Hera e estranguladas pelo bebê Hércules.

Alguns paralelos temáticos: Zeus e Tíndaro dormiram numa única noite com Leda, ao que ela concebeu Pólux e Helena de Zeus, Cástor e Clitemnestra de Tíndaro. Zeus dormiu nove noites seguidas com a Memória (*Mnemosyne*) e concebeu as nove Musas. Em vários contos populares, o nascimento de gêmeos é sinal de infidelidade da mulher, pois se acredita que duas crianças não poderiam provir de um único homem.

Os três principais tragediógrafos gregos trataram do tema. Ésquilo terá escrito uma *Alcmena*, Sófocles um *Anfitrião*, dos quais nada resta de relevante. A *Alcmena* de Eurípides teve mais sorte: restam alguns fragmentos e algumas imagens em vasos. O enredo: Anfitrião de algum modo se convence da infidelidade da esposa e a desafia com violência. Alcmena busca refúgio num altar. Anfitrião segue no seu encalço, chega até o altar e ao redor dele ergue uma pira, na qual atiza fogo. Uma chuva é enviada na hora H para conter as chamas e Zeus surge como *deus ex machina* para resolver o conflito.

Em 8 das 21 peças restantes de Plauto, o público é informado da fonte da comédia no prólogo. Outras peças podem ser ligadas a outras fontes, todas elas da Comédia Nova grega (Menandro, Dífilo e Fílemon são os autores mais mencionados). É natural supor que o *Anfitrião* de Plauto, cuja fonte é desconhecida, também se origina na Comédia Nova (ou Média). Alguns especulam influência da tradição dramática nativa do sul da Itália (*Anfitrião* é a única comédia completa que põe em cena deuses – e não apenas humanos – numa atmosfera mítica burlesca); já outros veem na peça uma adaptação de uma tragédia, a do próprio Eurípides ou uma versão romana: o próprio Mercúrio, afinal, informa o público que a matéria trágica foi transformada pelo autor em *tragicomédia* (vv. 51-63). *Non liquet*.

O tratamento de Plauto é algo diverso daqueles de que temos notícia nos autores anteriores. Dez meses antes do dia representado na peça, Anfitrião concebeu Íficles com Alcmena e partiu para a expedição contra os teléboas. Três meses depois, Júpiter, disfarçado de Anfitrião, concebeu Hércules. Sete meses mais tarde, na noite anterior ao retorno de Anfitrião, Júpiter faz nova visita a Alcmena e prolonga a noite para desfrutar com ela dos prazeres da cama – com ela, grávida de dez meses (gregos e romanos contam a duração da gravidez em meses lunares, de 28 dias cada um): Alcmena barriguda em cena (único exemplo no drama antigo de grávida no palco) e a sua voluptuosidade contida (uma *matrona!*) terá aumentado a comicidade da lascívia de Zeus.

3. Estrutura

Anfitrião é uma de três peças plautinas sobre o tema dos duplos. Específico dela são a dimensão mítica, a personificação (e não gêmeos idênticos) e sobretudo a exploração consciente do tema da gemação. Convencionalmente, as peças envolvendo duplos despertam riso pelo acúmulo da confusão criada pela permuta de personagens, até que ambos, no clímax, são postos cara a cara. No *Anfitrião*, o confronto dos dois pares (Mercúrio-Sósia e Anfitrião-Júpiter) serve de moldura ao enredo dos duplos (catorze cenas), havendo três cenas finais de desenlace que correspondem ao prólogo. O esquema seria o seguinte (cf. Christenson 2000: 13ss.):

Prólogo: Mercúrio (1-152)

1. Sósia, Mercúrio (153-462)
2. Mercúrio (463-98)
3. Júpiter, Alcmena, Mercúrio (499-550)
4. Anfitrião, Sósia (551-632)
5. Alcmena, Anfitrião, Sósia (633-860)
6. Júpiter (861-81)
7. Alcmena, Júpiter (882-955)
8. Sósia, Júpiter, Alcmena (956-83)
9. Mercúrio (984-1008)
10. Anfitrião (1009-20)
11. Mercúrio, Anfitrião (1021-fr.6)
12. Alcmena, Anfitrião (frs. 7-10)
13. Anfitrião, Blefarão, Sósia (frs. 11-14)
14. Júpiter, Anfitrião, Blefarão (fr. 15-1052)

15. Brômia, Anfitrião (1053-1130)
16. Júpiter, Anfitrião (1131-43)
17. Anfitrião (1144-6)

3.1. Paralelismos e duplicações

Nas cenas 1 e 14 (confronto dos pares), o personagem humano sofre abuso verbal e físico; há, em ambos os casos, a tentativa frustrada de o mortal resolver a questão dirigindo-se ao palácio, num momento de clímax.

Alcmena aparece em quatro cenas centrais, duas com o impostor (3 e 7), duas com o marido real (5 e 12), de forma alternada. Cenas de harmonia são seguidas duas vezes por cenas de atrito. Cena 3 é de partida, cena 5 é de chegada. O vaivém torna-se explícito quando Júpiter (938-40) ecoa de forma metadramática as palavras de Alcmena (633-40), reforçando o tema do duplo em outro plano:

- 633-40 [Alcmena] “Na vida e no passar dos anos (*in aetate*), não é algo bem pequeno o prazer (*uoluptatum*) em comparação com o que é desagradável? Assim foi programado cada aspecto da vida humana, assim é a vontade dos deuses: que a tristeza, tal como uma companheira, acompanhe o prazer (*uoluptatem*); se algo de bom cabe a alguém, isso não acontece sem que haja ali inconvenientes e mais males. Pois agora eu experimento isso pessoalmente e o sei por mim própria, a quem o prazer foi dado por pouco tempo; somente durante uma noite tive a possibilidade de ver meu marido. Mas repentinamente ele partiu daqui, para longe de mim, antes de amanhecer. Agora parece que estou sozinha aqui, porque ele, que eu amo acima de todos, está ausente daqui.”
- 938-40 [Júpiter] “Pois, com o passar dos anos (*in ... aetate*), muitas coisas acontecem para os homens desse modo: conseguem-se prazeres (*uoluptates*), conseguem-se depois misérias; sobrevêm discórdias, fazem depois as pazes.”

Em decorrência das maquinações de Mercúrio, Sósia é acusado injustamente por Anfitrião e ameaçado com violência física nas cenas 4 (556-64) e 13 (fr. 12); na cena 8, Sósia é ludibriado por Júpiter (974-5), ao passo que na cena 11 Mercúrio engana Anfitrião. Em todas elas, o tema é a relação entre mestres e escravos (reais ou falsos).

Mercúrio e Sósia bancam o enxerido, em situação típica de Plauto, nas cenas 3 e 5, metendo o bedelho na conversa de dois outros personagens. Se Mercúrio apresenta o prólogo, Júpiter é responsável pelo epílogo (1131-43).

Divindades, postadas a sós no palco, interpelam diretamente o público em três cenas (2, 6 e 9), tecendo comentários metateatrais sobre a comédia de duplos, algo que já ocorrera no prólogo. Trata-se de outro reforço estrutural ao tema, de uma duplicação alçada à consciência. Temas são tratados de forma espelhada; Júpiter faz notar a sua condição de ator com figurino apropriado (861-8), tal como Mercúrio o faz no prólogo (116-19):

- 861-8 [Júpiter] “Eu sou aquele Anfitrião, de quem Sósia é escravo – o mesmo em que Mercúrio se transforma quando convém. Sou eu que habito no andar superior, que me transformo em Júpiter de vez em quando, quando me apraz. Mas logo que me encaminho para cá, imediatamente me transformo em Anfitrião e mudo minha roupa.”
- 116-19 [Mercúrio] “Agora, não estranhem meu figurino, por eu estar aqui aparecendo assim com esse aspecto de escravo: exporei a vocês uma velha e antiga história renovada, por conta da qual vim ornamentado de uma nova maneira.”

O tema da duplicação já era presente na tradição mítica: dois Anfitriões, nascimento de gêmeos, o par de cobras estrangulado por Hércules. Plauto acrescenta outros: um segundo par de duplos (Mercúrio e Sósia), duas falas de mensageiros (197-262 [Mercúrio], 1053-1124 [Brômia]), duas buscas por personagens fora do palco (Náucrates [854] e Blefarão [949-51]), dois encontros amorosos entre Alcmena e Júpiter (um ao fecundá-la, outro no dia do regresso de Anfitrião).

Geminação linguística (repetição, poliptoto), presente sobretudo no prólogo: 7 *cada ... cada* (*quasque ... quasque*) e *empreendido ... empreenderão* (*incepistis ... inceptabilis*), 17 *de quem ... por qual* (*cuius ... quam*) e *venho ... vim* (*uenio ... uenerim*), 28 *humana ... humano* (*humana ... humano*), 32 *paz ... paz* (*pace ... pacem*), 39 *querer ... queremos* (*uelle ... uelimus*), 47 *bons ... bem* (*bonis ... boni*), 49 *faz ... faz* (*facere ... facit*), 86-7 *estranhassem ... estranhem* (*mirari ... miremini*), 98 *Argo ... argivo* (*Argis ... Argo*), 111 *tanto do ... quanto do* (*et ex ... et ex*), 147 *ver ... verão* (*uidere ... uidebitis*). Notar a geminação jocosa da palavra “gêmeos” (1089): [Anfitrião] “Gêmeos, você diz?” [Brômia] “Gêmeos”. E, claro, a passagem sobre a duplicação da taça (785-6), marcada por forte aliteração: [Sósia] “Você pariu (*peperisti*) um <outro> Anfitrião, eu pariu (*peperi*) um outro Sósia! Agora, se a taça pariu uma taça (*si patera pateram peperit*), todos nós nos duplicamos (*omnes congeminauimus*)”.

Quase sinônimos: 11 *atribuído e permitido* (*concessum et datum*), 16 *imparciais e justos* (*aequi et iusti*), 18 *direi ... enunciarei* (*dicam ... eloquar*), 23 *respeitam e temem* (*uereri ... et metuere*), 118 *velha e antiga* (*ueterem atque antiquam*), 129 *escravo e... companheiro de escravo* (*seruom et conseruom*). Nos exemplos acima de geminação e sinonímia, a linguagem atua como reforço do tema da geminação, como se ela própria instigasse vida aos duplos e por eles fosse instigada.

Ao tema do duplo associam-se outros, periféricos, que contribuem para criar uma atmosfera de ambivalência, dubiedade e confusão no mundo às avessas da peça. Acusações de bruxaria, de mendacidade, confusão entre sono e vigília, entre embriaguez e sobriedade, entre seriedade e zombaria afloram aqui e ali durante a comédia, sublinhando o caráter sobrenatural dos eventos. Exemplos:

- Bruxaria

- [Anfitrião sobre Sósia] ‘Um “não sei o quê” maldito foi lançado por uma mão maléfica contra esse homem.’ (605)
- [Anfitrião sobre Alcmena, em resposta a Sósia, que lhe perguntara ‘por que não manda fazer um ritual de purificação ao redor dela, por estar possuída por Ceres?’] ‘Por Pólux, que isso é necessário! Pois ela certamente, por Pólux, está cheia de demônios!’ (777)
 - A taça de ouro da mesma cena, quem vai buscá-la é a escrava de Alcmena chamada Tessala, provável alusão à região grega da Tessália, proverbialmente associada à magia e à feitiçaria.
- [Mercúrio sobre Anfitrião] ‘Você está possuído. Por Pólux, pobre homem! Corra atrás de um médico!’ (fr. 6)
- [Alcmena a Anfitrião] ‘Estou pedindo, ordene que cure essa doença enquanto está no começo: com certeza você está possuído ou endemoniado!’ (fr. 8)
 - Ao longo da comédia, Anfitrião é o típico “personagem obstrutor” que se opõe, com sua insistência em raciocinar logicamente, às bruxarias divinas. Ele faz notar a Sósia, por exemplo, que “isso que você está me contando não está acontecendo, não aconteceu, nem há de acontecer” (553-4) e repreende Sósia com virulência por dizer algo “que até agora nunca nenhum homem viu, nem é possível de acontecer: que, a um só tempo, a mesma pessoa esteja, simultaneamente, em dois lugares” (566-8).

• Loucura vs. sanidade

- [Mercúrio a Sósia] ‘Você perdeu o juízo’ (386); ‘Esse homem não está são...’ (402)
- [Anfitrião a Sósia] ‘Siga o seu senhor, de quem você caçoa com seus discursos delirantes’ (585); ‘Por acaso você está suficientemente são?’ (604)
- [Sósia a Anfitrião sobre Alcmena] ‘Se você quiser ... tornar a insana ainda mais insana’ (703-4); Alcmena estaria grávida, não de uma criança, mas “de insanidade” (719)
- [Anfitrião a Sósia sobre Alcmena] ‘Abra logo! Pois ela certamente pretende nos deixar loucos com essa conversa’ (789)
- [Anfitrião sobre Alcmena] ‘Minha esposa está delirando!’ (727)
- [Sósia a Anfitrião] ‘Eu pergunto, por Pólux, se por acaso até você está louco’ (753)
- [Anfitrião] ‘Estou realmente tão enfeitiçado, que não sei quem sou!’ (844)
- [Alcmena a Júpiter] ‘Se você está são ou se tem juízo o suficiente’ (*si sis sanus aut sapias satis* 904)
- [Júpiter a Alcmena] ‘Você está bem da cabeça?’ (*sana es?* 929)

- [Sósia] *sane sapio et sentio* ‘estou em pleno gozo de minhas faculdades mentais [= ‘é são o meu saber e sentido’] (448); *ualeo et saluus sum* ‘estou bem de saúde e são’ (582);
- [Alcmena] *equidem sana sum* ‘sem dúvida estou sã’ (720); *equidem ecastor sana et salua sum* ‘sem dúvida, por Cástor, estou sã e salva’
- [Anfitrião sobre Brômnia] ‘Essa é a única da minha família que tem a mente sã (*sola sanam*)!’ (1084); Brômnia responde: ‘Não, todos estão realmente sãos!’, ao que Anfitrião retruca: ‘Mas a minha esposa me deixa doido com suas atitudes repugnantes’ (*insanum facit suis foedis factis*).

• Verdade vs. mentira

- [Mercúrio a Sósia] ‘... você chegou aqui hoje com mentiras arranjadas...’ (366-7); ‘Agora realmente você vai ser surrado por causa de mentiras!’ (369); ‘... você inventou todas essas coisas que disse agora há pouco’ (410-11).
- [Sósia a Mercúrio] ‘... estou dizendo a verdade (*uera dico*)’ (395); ‘... não estou mentindo’ (435).
- [Alcmena a Anfitrião] ‘Estou dizendo a verdade (*uera dico*)’ (736).
- [Sósia a Anfitrião] ‘Digo a verdade’ (562); ‘Certamente não estou mentindo...’ (573); ‘Anfitrião, essas palavras infelizes são o que há de mais infeliz para um bom escravo que conta a verdade a seu senhor, se por tal violência a verdade é vencida (*ui uerum uincitur*)’ (590-1)
- [Anfitrião a Alcmena] ‘... aprendi que se deve dizer a verdade (*uera didice dicere*)’ (687).
- [Alcmena a Júpiter] ‘... estou avisando você da verdade: a não ser que você vá me acusar de dizer também isso com falsidade!’ (901-2).
 - Sósia é um *seruus callidus* (‘escravo espertalhão’), personagem-tipo da Comédia Nova, mestre no embuste e na embromação. Isso ele próprio admite, quando inventa a descrição da batalha na primeira cena: ‘se eu contar mentiras, vou fazer de acordo com meu hábito e caráter’. Ou seja, o Sósia fala do seu próprio caráter como do caráter mais geral do personagem-tipo, num exemplo de metateatralidade: rompe-se a ilusão dramática pelo fato de o personagem referir-se à própria representação do personagem-tipo de que é exemplo. Isso também reforça o tema da verdade vs. mentira, sobretudo quando a história mentirosa inventada por Sósia acerta a verdade na mosca, como reconhece Mercúrio, que esteve presente à batalha: ‘Até agora ele não expôs uma palavra incorreta sequer’ (248). Quando mente, portanto, Sósia diz a verdade, e quando

diz a verdade para Anfitrião sobre o encontro com seu duplo na cena inicial, é acusado de mentiroso por seu mestre.

- Sono vs. vigília

- [Anfitrião a Sósia] ‘Por acaso você tirou um cochilo agora há pouco? ... Aí você teria, talvez, visto esse tal Sósia durante o sono...’ (620-1), ao que Sósia responde: ‘Eu não costumo cumprir com sono as ordens do meu senhor. Acordado eu o vi, acordado agora vejo você (*uigilans uidi, uigilans nunc uideo*), acordado estou narrando, aquele homem me quebrou acordado, já há algum tempo acordado, com os punhos dele’ (622-4).
- [Sósia a Anfitrião sobre Alcmena] ‘Espere um pouco, enquanto ela acorda direito de um certo sono’ (696-7); ‘... ela narra um sonho a você’ (738).
- [Sósia a Anfitrião] ‘E se o navio nos trouxe, adormecidos, do porto até aqui?’ (701).
- [Diálogo entre Anfitrião e Alcmena] *Anf.* ‘Você me viu aqui ontem?’ *Alc.* ‘Eu vi, estou dizendo, se você quiser digo isso dez vezes!’ *Anf.* ‘Durante o sono, talvez?’ *Alc.* ‘Ao contrário, acordada, e você acordado também!’ (725-6).

- Embriaguez vs. sobriedade

- [Anfitrião a Sósia] ‘Eu estou achando que esse homem está bêbado’ (574).
- [Sósia a Anfitrião] ‘Eu não bebi a sua ordem junto com vinho’ (631).
- [Mercúrio sobre Anfitrião] ‘... farei com ele fique embriagado estando sóbrio’ (1001).

- Seriedade vs. zombaria

- [Anfitrião a Júpiter] ‘... com a mulher que você julga e declara impudica você não vai manter diálogo nem de brincadeira nem a sério’ (905-6).
- [Júpiter a Alcmena] ‘Se alguma coisa é dita a você de brincadeira, não é justo que você leve isso a sério’ (920-1).
- [Júpiter a Sósia] ‘Você está fazendo piada, pois você sabe que, há pouco, eu disse aquelas coisas de brincadeira’ (963).

Indiretamente, o tema dos duplos também aflora quando as divindades aludem a (ou juram por) si próprias, criando uma cumplicidade irônica com o público. Mercúrio, por exemplo, travestido de Sósia, diz que “Mercúrio ficaria irado com Sósia” (392) e jura expressamente “por Mercúrio” (436). E Júpiter, travestido de Anfitrião, diz: “Se eu estiver fingindo, peço que você, ó supremo Júpiter, fique para sempre furioso com Anfitrião” (933-4).